



## **Ciberativismo e democracia nas redes sociais. Um espaço de reivindicações e direitos.<sup>1</sup>**

Irley David Fabricio da SILVA<sup>2</sup>  
Cláudio Cardoso de PAIVA<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, PB.

### **RESUMO**

Este artigo resulta de uma pesquisa dos movimentos sociais na era da informação mediada pela tecnologia. Exploramos o ciberativismo e suas dimensões éticas, políticas, estéticas e cognitivas, e reconhecemos que é preciso situá-lo no contexto democrático do século XXI. Observamos o uso das redes sociais, a partir das mobilizações sociais, virtuais e presenciais, como modalidades de reivindicações e direitos. Trata-se de um fenômeno recente e que requer certo distanciamento; logo, propomos uma periodização histórica para entender a relação entre os movimentos sociais e as redes de comunicação colaborativa. Assim, revisitamos os agenciamentos sócio-políticos, nos anos 60/70, 80/90, que antecipam os usos das atuais redes digitais e o ciberativismo como estratégias sociais e democráticas, fundamentais para a conquista dos direitos e liberdades civis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes sociais; movimentos sociais; direito humanos; política.

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho propõe uma análise dos movimentos sociais organizados nas redes sociais (comunicação digital), reconhecendo que estes se expressam também no espaço público presencial (comunicação face a face). Compreendemos que os agenciamentos sociais recentes revelam uma nova modulação do engajamento social. Percebemos que – em várias partes do mundo – estes se perfazem vinculados ao espaço físico, mas a grande inovação é a sua atuação através da mediação tecnológica. Tais movimentos, na

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Relações públicas Decom -UFPB, email: irleydavid@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Claudio Cardoso de Paiva; Prof. Associado, DECOMTUR, PPGC, PPI, UFPB., email: claudiopaiva@yahoo.com.br



modernidade, ou seja, até os anos 90, atuaram organicamente, isto é, as lutas sociais se realizaram face a face, muito embora já tenham se utilizado dos meios alternativos (imprensa, audiovisuais, rádios e tevês piratas) para expressar as suas reivindicações.

Caracteristicamente, os ativistas tinham em suas agendas um amplo leque de demandas como - por exemplo - as lutas por creches, escola pública, moradia, transporte, saúde, saneamento básico, direitos sociais, políticos e etc.

Pretendemos analisar as formas recentes do ativismo, observando como atuam nas redes sociais e almejamos examinar a sua capacidade de influenciar a sociedade e de promover mudanças sociopolíticas na contemporaneidade. Entende-se por ativismo digital ou ciberativismo a utilização da internet (e outras hipermídias) por movimentos politicamente engajados nas lutas contra injustiça e exclusão que ocorrem também na própria rede. Hoje, o ativista (de caráter ambiental, político ou social) busca apoio para suas causas através da internet e de outros dispositivos midiáticos; por essa via são criadas redes de solidariedade, promovendo o exercício das ações afirmativas.

É pertinente examinar a sua importância na atualidade e verificá-lo como instrumento de preservação da democracia pelo seu caráter comunicacional inovador, portando complexidades que exigem novas metodologias de análise.

Hoje, na chamada era digital, estamos ingressando em outra dimensão, e percebemos que novos estilos de comunidade estão se formando, o que tem se tornado o objeto de investigação de vários cientistas; por exemplo, para Burt (2005), as comunidades atualmente se configuram sob a forma das “redes sociais”.

Partimos de um exercício de comunicação comparada para uma compreensão das estratégias sociopolíticas utilizadas pelos atores sociais de gerações distintas, norteadas por processos de informação diferenciados e atuantes em contextos sociopolíticos e comunicacionais diversificados.

Hoje, há em curso um novo paradigma sócio-comunicacional e sócio-político, expresso a partir das designações “comunicação em rede”, “mídias sociais” e “redes sociais”. Nessa direção, apontamos, por exemplo, as manifestações sociais recentes (como a Primavera Árabe), que se utilizam do ciberespaço; ou seja, das redes sociais como o Orkut, o FaceBook, o Twitter.

Vivemos em um país onde o sistema político é democrático, e é através da experiência democrática que se exerce a cidadania. Mas é importante situar historicamente esta experiência. Portanto, fazendo um balanço cronológico dos movimentos sociais nas ruas (antes, durante e depois da ditadura militar),



compreendemos atos de engajamento sócio-políticos e modos de resistência, que contribuíram fortemente para a conquista dos direitos civis, estabilidade sociopolítica e amadurecimento da sociedade.

## 1. MOVIMENTOS SOCIAIS NOS ANOS 60

Do início do século XX até a ditadura militar (1964), houve uma cultura política ligada aos movimentos sociais voltados para os problemas rurais, incluindo a ação das “Ligas Camponesas” e as lutas pela reforma agrária, em oposição à concentração dos poderes político, econômico e cultural. E no que concerne especificamente ao campo das Ciências da Comunicação, este conjunto de lutas, incluindo o Método Paulo Freire, norteado pela Pedagogia do Oprimido e Alfabetização de Adultos, se expressa com vigor na folkcomunicação, que refere a aglutinação entre as manifestações populares, alternativas, matrizes socioculturais com as expressões midiáticas, publicitárias e matrizes industriais, conforme demonstra o livro clássico *Folkcomunicação – A Comunicação dos Marginalizados* (Luiz Beltrão, 1980).

Em meados de 1950, os movimentos nos espaços rurais e urbanos adquiriram visibilidade através da realização de manifestações na esfera pública (rodovias, praças, escolas, fábricas, sindicatos etc.), quando finalmente foram às ruas e tiveram consequências afirmativas, até serem desmantelados pelo Golpe Militar (1964).

Concomitante às ações coletivas que enfrentam os problemas globais - como violência, corrupção, criminalidade e baixa qualidade na educação - vários agenciamentos denunciam a exploração do trabalho, o monopólio da terra e concentração de renda, ao mesmo tempo em que apresentam propostas para a geração de empregos no campo, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), estratégias de ação que denunciam o arrocho salarial (greve de professores, greve dos cobradores de ônibus nos estados federados, etc.), ações coletivas que denunciam a depredação ambiental e a poluição dos rios e oceanos (lixo doméstico, acidentes com navios petroleiros, lixo industrial); agenciamentos coletivos que têm o espaço urbano como *locus* para a visibilidade da denúncia, reivindicação e proposição de alternativas.

Quanto aos movimentos sociais na esfera pública tradicional, anteriores ao surgimento das redes sociais digitais, atividades importantes foram realizadas de modo presencial. Podemos afirmar que a sociedade atual é fruto das lutas travadas nas décadas passadas.



Inúmeras marchas, mobilizações e agenciamentos sociais foram concretizados, e vários deles alcançaram o seu objetivo, a exemplo do movimento feminista, ocorrido no século XX, que transformou significativamente a nossa sociedade, banindo o preconceito contra as mulheres. Hoje há um índice expressivo de mulheres ocupando lugares de liderança, várias presidentes da república, entre outros cargos importantes. Com isso, reconhecemos que grandes batalhas sociais tiveram curso, para que hoje, possamos desfrutar dos direitos adquiridos. Reconhecemos que os movimentos sociais face a face geraram grandes benefícios para a sociedade atual, e importantes objetivos foram alcançados.

Com o surgimento da rede mundial de computadores abrem-se precedentes para uma espécie de co-presença no ambiente virtual. Devido à atual interconexão generalizada entre os atores sociais, particularmente nas redes sociais, é possível se compartilhar ideias, reivindicações e ações afirmativas com a grande comunidade planetária. As redes sociais encorajam a atuação dos movimentos sociais, pelo seu forte poder de interação social, difusão e compartilhamento de informação.

## **2. MOVIMENTOS SOCIAIS ANOS 70**

A mídia se encarregou de formular o slogan “Anos Rebeldes” para referir os anos 1960/1970. E, muito embora se fale em “vazio cultural” para aludir aos anos 70, no campo das artes, jornalismo e vida alternativa, houve uma série de manifestações e agenciamentos que atestam uma vigorosa produção e um conjunto de ações afirmativas, que driblaram a censura e a repressão, durante os chamados “anos de chumbo”.

Mas, foi em meados da década de 1970 que entraram no cenário político brasileiro novos atores sociais, expressando-se através dos movimentos sociais, e estes se caracterizavam por apresentarem propostas de organização desvinculadas dos esquemas paternalistas e clientelistas tradicionais no âmbito da política brasileira. Os novos movimentos, de matizes progressistas, conseguem, no seu nascedouro, imprimir uma dinâmica diferente à organização da sociedade civil, trazendo como símbolo específico à luta pela redemocratização e o exercício da cidadania.

Entretanto, convém assinalar que além das lutas e resistência política dos movimentos sociais (OAB, ABI, clero progressista, etc.) houve – neste período - o fortalecimento da indústria cultural. Conforme descreve Ortiz (1985), de 1964 – 1980 houve uma considerável expansão de consumo de bens culturais. O cinema tornou-se



algo marginal, dotado de ideologia e crítica. Em 1975, o governo Geisel criou a Política Nacional de Cultura (PNC), que objetivava a destituição do controle de produção na mão da esquerda política, impedindo assim que se incentivasse através da cultura a mobilização da sociedade. No mundo todo, os anos 70 foram marcados por utopias revolucionárias. E no fim da década, no campo cultural, o rock sofria o impacto dos novos tempos, tendo que disputar espaço com a *discomusic*, um estilo descompromissado, música de escape, de modismo. O reggae trazia em suas letras reflexões sobre o terceiro mundo, a pobreza, a exploração.

E para uma parcela da juventude, o Movimento Punk definiu o espírito da época que “correspondia ao desemprego e à onda terrorista na Europa” (BRANDÃO; DUARTE, 1990 p. 82). O Movimento Punk promoveu uma revolução nas roupas e nas atitudes com suas posições anarquistas, refletindo também o clima desesperançoso e conservador nos anos 70/80. Segundo Habert (1990) após o vendaval dos anos 60 que atingiu os “corações e mentes” de uma geração inteira, os anos 70 começaram sob a égide da fragmentação: desdobramentos da contracultura, movimentos underground, punk, misticismo oriental, vida em comunidades religiosas ou naturalistas, valorização do individualismo, expansão do uso de drogas. Nesse sentido, Brandão nos fala.

Parte da juventude vinda da classe média urbana optou por correntes alternativas de cultura, nas quais viviam suas utopias, envolvendo sexo, drogas e muito rock. Tratava-se de uma forma de inconformismo diante da repressão e do conservadorismo vigente no país, que acabaria num fenômeno contracultural híbrido e complexo que dominou a produção artística e cultural até meados dos anos 70. (BRANDÃO; DUARTE, 1990 p. 86).

No Brasil, durante os anos de chumbo, à época do Governo Médici, os estudantes apoiaram-se nas manifestações culturais. Elaborou-se a construção das entidades estudantis, que foram desmanteladas pela repressão. E a arte, especialmente o teatro, passou a ser utilizado como elemento auxiliar para organizar ideais, enfrentando a repressão e buscando recuperar a liberdade de expressão.

### **3. MOVIMENTOS SOCIAIS NOS ANOS 80: A GLOBALIZAÇÃO E OS PROTESTOS MUNDIAIS**

O termo globalização surgiu no final dos anos 60, mas ganhou expressão na mídia no final dos anos 80, conclamando a unificação dos mercados. Tornou-se o



assunto da agenda midiática e teve repercussão em alguns círculos intelectuais e nos meios de comunicação, forjando uma possível união de países e povos. Todavia é preciso repensar a natureza desta “fórmula” para se entender os contornos da economia e da política nos anos 80, que têm como ícones Ronald Reagan e Margareth Thatcher.

Aldous Huxley apresentara, no livro admirável mundo novo (1932), uma sociedade homogênea, composta por homens e mulheres despersonalizados, insuportavelmente perfeitos, onde não haveria espaços de dúvidas ou contestações.

Larry e Andy Wachowski, no filme Matrix (1999) e suas sequências, ofereceram-nos as inquietações diante da informática, uma tecnologia capaz de fabricar realidades e desenvolver radicalmente as potencialidades humanas, e exatamente por isso, imprimir um caráter artificial à vida coletiva. Sobre isso nos fala.

Os articulistas da “globalização” prometem um mundo mais justo para todos e apregoam que a maré do desenvolvimento “levantará todos os barcos”, isto é, todos os países e classes sociais – em princípio – se beneficiariam com o crescimento da produtividade e prosperidade gerada pelo capitalismo neoliberal (ICC, 2000).

Brecher *et al* (2000) argumenta que, apesar desta permanente promessa, em curso há mais de vinte anos, não tardou muito, em termos históricos, para que um pujante e vibrante movimento social internacional surgisse em resposta aos inúmeros impactos negativos da globalização corporativa neoliberal.

Como exemplo, há evidência de fatores que comprometem a desigualdade social, e por outro lado, há crescente poluição da água e emissão de produtos químicos tóxicos sem controle ambiental e social, gerando impactos que afetam a biodiversidade (exemplo, extinção de várias espécies de animais). No plano político há, sobretudo, a corrosão da democracia, a concentração do poder nas mãos de pequenos grupos de indivíduos e corporações, fazendo com que os poderes públicos se tornem cadeias de preservação dos interesses privados. No âmbito da economia, de acordo com Santos (2002) produz-se um efeito de entropia das empresas globais, na medida em que, para melhor funcionarem, tais empresas criam ordem para si mesma e desordem para o resto.

No Brasil, percebemos as diferenças regionais, centralização de renda e tecnologia no Sudeste, que se desenvolve como um campo produtivo para investimentos industriais e agrícolas, enquanto no Norte e Nordeste, são implantados modelos de desenvolvimento superados e insustentáveis, forjados pelos grupos dominantes, como estratégia para “encobrir” as acentuadas diferenças regionais.



Segundo Santos (2000), a lógica das disputas e da sobrevivência retira qualquer possibilidade altruísta de ação. Resta à sociedade retomar o conceito de solidariedade e ajuda mútua. Para Capra (2002), uma das principais intuições da teoria dos sistemas foi à percepção de que o padrão em rede é comum a todas as formas de vida. Onde quer que haja vida, há redes. Segundo Rheingold (1993) os autores refletem filosoficamente sob a suposta resistência contra os efeitos negativos trazidos pela globalização, através dos movimentos sociais. E foi a gestão de informação impulsionada por essas redes interativas que fez da comunicação distribuída uma das principais armas na luta contra os governos disciplinares e as megacorporações desse período.

Os protestos deram início às lutas de resistência e formularam estratégias de antiglobalização, começando com a emergência da rebelião dos zapatistas no Sul do México (1994), que adquire poder e se torna a principal escola de aprendizado para as ONGs e os movimentos sociais (Arquilla, Ronfeldt, Fuller & Fuller, 1998; Cleaver, 1994), e prosseguem com as batalhas de Seattle (1999), Washington, D.C. e Praga (2000) aparece em cena uma nova forma de luta popular contra a globalização: as redes mundiais de movimentos sociais antiglobalização (Arquilla & Ronfeldt, 2001).

Este novo movimento antiglobalização organizado pela frequentemente denominada “sociedade civil global” já alcançou vitórias expressivas. Por exemplo, redes ecológicas mundiais conseguiram pressionar numerosos governos a assinar o Tratado de Kyoto contra gases poluentes da Atmosfera (*greenhousegases*), a eliminar o uso de Químicos Orgânicos Persistentes (*persistentorganicpollutants* ou POPs) e o uso de amianto na Europa (*Ban Asbestos Network*). Redes de direitos humanos conseguiram aprovar a Convenção Internacional pelo Banimento de Minas de Terra (International Convention to Ban Landmines – ICBL) e recentemente mobilizaram milhões no mundo inteiro pela paz e contra a invasão do Iraque.

#### **4. MOVIMENTOS SOCIAIS NOS ANOS 90: QUEDA DO MURO DE BERLIM, FIM DA GUERRA FRIA, INTERNET**

Em meio às questões envolvendo a alta tecnologia ocorria um reordenamento geopolítico com o fim da guerra fria. Em 1990, menos de um ano após a queda do muro de Berlim, a ditadura iraquiana resolveu invadir o Kuwait. Em meio à guerra, pela primeira vez na história, espectadores de televisão de todas as partes do mundo assistiram, via satélite, às incursões aliadas contra os invasores iraquianos.



Com a queda do Muro de Berlim e o colapso do sistema comunista do Leste Europeu, estatizado e de planejamento centralizado, começou a soprar mais forte o vento da globalização, sem barreiras, e este, no âmbito dos fluxos financeiros mais livres do que nunca, ameaça converter-se em um furacão, situado num horizonte próximo, sendo que algumas de suas rajadas desestabilizantes já se fizeram sentir em vários quadrantes deste Globo, ao longo dos últimos anos. O final do século revela um panorama de mudanças e muitas incertezas, ainda que a queda do referido muro tenha sugerido um mar de águas tranquilas. Assim, o historiador Eric Hobsbawn afirma: “um dos riscos atuais é que o capitalismo tenha perdido seu sentimento de medo”.

A rede mundial de computadores, ou Internet, surgiu em plena Guerra Fria. Criada com objetivos militares seria uma das estratégias das forças armadas norte-americanas para manter as comunicações em caso de ataques inimigos que destruíssem os meios convencionais de telecomunicações. Nas décadas de 1970 e 1980, além de ser utilizada para fins militares, a Internet também foi um importante meio de comunicação acadêmico. Estudantes e professores universitários, principalmente dos EUA, trocavam idéias, mensagens e descobertas pelas linhas da rede mundial.

Foi somente em 1990 que a Internet começou a alcançar a população em geral. Neste ano, o engenheiro Tim Bernes-Lee desenvolveu a World Wide Web, possibilitando o uso de uma interface gráfica e a criação de sites mais dinâmicos e visualmente interessantes. A partir daí, a Internet cresceu em ritmo acelerado.

A década de 1990 tornou-se a era de expansão da Internet. Para facilitar a navegação pela Internet, surgiram vários navegadores (*browsers*) como, por exemplo, a *Internet Explorer da Microsoft* e o *Netscape Navigator*. O surgimento acelerado de provedores de acesso e portais de serviços *online* contribuiu para este crescimento. A Internet passou a ser utilizada por vários segmentos sociais. Os estudantes passaram a buscar informações para pesquisas escolares, enquanto jovens a utilizavam para a diversão em sites de games. As salas de chat tornaram-se pontos de encontro para o bate-papo virtual. Desempregados iniciaram a busca de empregos através de sites de agências de empregos ou enviando currículos por e-mail. As empresas descobriram na Internet um excelente caminho para melhorar seus lucros e as vendas *online* dispararam, transformando a Internet em verdadeiros shoppings centers virtuais.

A partir de 2006, começou uma nova era na Internet com o avanço das redes sociais. Pioneiro, o Orkut ganhou a preferência dos brasileiros. Nos anos seguintes surgiram outras redes sociais como, por exemplo, o Facebook e o Twitter.





A partir de 2010, um novo serviço virou febre no mundo da Internet. Conhecidos como sites de compras coletivas, eles fazem a intermediação entre consumidores e empresas. Estes sites conseguem negociar descontos para a venda de grande quantidade de produtos e serviços. Os consumidores compram cupons com 50% de desconto ou até mais. Os sites que mais se destacam neste segmento são: Peixe Urbano e *Groupon*.

## **CONCLUSÃO: O NOVO MILENIO E A EXPANSÃO DAS REDES SOCIAIS**

Reconhecemos que as redes sociais têm o poder de conscientizar e colaborar na luta pelas causas sociais com rapidez e abrangência, e de abrir caminhos para a reivindicação dos direitos, em nível ambiental, político e social. As redes sociais digitais podem forjar comunidades de atividade ou interesse, distintamente dos grupos de opinião de imprensa ou das massas de consumo da mídia irradiada (Antoun, 2004a).

A internet e as redes sociais cooperam no compartilhamento de fotos de pessoas doentes, desaparecidas, animais perdidos, etc. Mas podem ir mais além: utilizando as redes, pessoas do mundo todo criam movimentos, levando outras pessoas a aderirem às suas causas. Inúmeros exemplos atestam o poder das mídias e redes sociais e sua influência nas ações afirmativas.

Os atores sociais conectados podem compartilhar abaixo assinados - por exemplo - o site Avaaz, que promove campanhas de mobilizações fortemente coletivas, e utiliza as redes sociais para difundir as suas demandas.

Como previsto no projeto original na internet, o anonimato e a integridade da comunicação entre aliados potencializa os processos de luta quaisquer que sejam (Antoun, 2004b). Além do mais, neste espaço que acolhe as reivindicações coletivas, notamos os indivíduos, atores-em-rede, fazendo valer os seus direitos. E isto vale também numa perspectiva crítica do consumo: pela internet e hipermídias, os consumidores que se unem para reclamar sobre os problemas na aquisição de produtos ou reivindicar a melhoria dos serviços de determinadas empresas.

Seja no plano social, político ou mercadológico, as inteligências coletivas conectadas levam os indivíduos a assumirem os seus papéis no exercício da cidadania. A cooperação, a colaboração e a conectividade seriam os instrumentos dessa web, que uniria empresários e usuários através da livre comunicação em um poderoso ambiente de negócios cooperativos e integrados (Levie, Locke, Searls&Weinberger, 2000).



É no âmbito da vida cotidiana que as pessoas sofrem as necessidades e dificuldades que podem determinar sua conscientização e politização; as redes, como vetores de cognição coletiva conectada, encorajam modos de empoderamento, chegando a estimulá-las no engajamento na luta por demandas sociais. Com a internet, abre-se também a possibilidade da criação de certa simpatia às causas que afetam a todos em escala mundial, como ocorre em relação à questão ecológica, que desperta hoje uma modalidade singular de consciência e engajamento político. A integração dessas ações é resultado de um processo de socialização que integra simpatias, afetos, interesses e estima. Costa (2008, p.29).

Na modernidade líquida, em que tudo parece ocorrer muito rapidamente, há a necessidade de integração por parte dos cidadãos comuns ao processo de organização e participação na esfera pública, seja esta física, orgânica, ou informacional.

Por outro lado, as pessoas não se politizam apenas porque sofrem com determinadas injustiças sociais. Engajam-se nas lutas ao se reconhecerem como atores sociais que podem e devem se articular na busca pelo cumprimento dos direitos civis, na luta por melhores condições de trabalho, entre outras razões públicas.

Nos espaços mediados pela tecnologia, à sensibilização das chamadas comunidades virtuais ocorrem, em grande parte, graças às ações protagonizadas por movimentos sociais históricos, presenciais, seja pelo agendamento de temas relacionados às suas lutas, seja por outras formas de intervenção social.

Todavia, a partir de uma observação mais detida, percebemos que as redes sociais assumem um papel importante para democratização. Através delas as pessoas publicam suas produções, seus conhecimentos e exprimem livremente suas opiniões. Neste sentido, o termo “inteligência coletiva conectada” é fundamental para avançar a compreensão dos movimentos sociais atuais.

Convém entender que dentre os fatores geradores das mobilizações, além dos desejos, expectativas e aspirações do chamado “senso comum”, o fenômeno da sociabilidade (que confere sentido à vida social) e da cooperação (o motor que faz funcionar o trabalho e a vida social) são encorajadores para a afirmação de uma comunidade participativa e auto-organizada. A concepção das comunidades virtuais norteadas pela antiga aceção romântica de “comunidade”, como escreve Bauman (2003), impede que se apreenda o sentido dos movimentos coletivos de nossa época. Como afirma Pierre Lévy (2002), as comunidades virtuais são uma nova forma de se



fazer sociedade. E tudo isso é possível com o apoio das novas tecnologias de comunicação (Costa 2008, p. 45).

Contemplando o intenso fluxo de informação caracterizado pela onipresença e ubiquidade das mídias colaborativas, percebemos que a internet, e em especial, as redes sociais, constitui um espaço propício para a ocorrência de um dado movimento ou manifestação; consiste em um espaço-tempo adequado para os atores sociais se organizarem, estruturarem-se e divulgarem seus objetivos. Contudo, é preciso notar, a eficácia da internet é limitada. Ela não faz o movimento só com cliques e trocas de mensagens; depois de estruturada nas redes sociais, é preciso trazer a ação para o mundo presencial, agir organicamente nas ruas, exercitando uma modalidade de comunicação face a face. Um exemplo forte nessa direção é o fenômeno da Primavera Árabe que demonstrou como as redes têm o seu valor, propagando os protestos para todo o norte da África e Oriente Médio.

A partir de várias observações, leituras e enquetes percebermos que - de fato - a rede social, além de constituir um dos principais vetores de mobilização social, apresenta-se como um meio pelo qual as pessoas têm grande liberdade de expressão, principalmente, para reivindicar os seus direitos e compartilhá-los.

Hoje, podemos atestar que a informação mediada pela tecnologia não implica apenas em um meio de comunicação global, mas em um espaço interativo e democrático, fundamental para o avanço na conquista dos direitos e liberdades civis. Sobre isso nos fala VEGH apud RIGITANO.

A partir da obtenção de informações, através de visitas a sites, inscrição em listas de discussão ou participação de fóruns, pessoas de diferentes localidades podem entrar em contato com realidades até então desconhecidas, se sensibilizar, apoiar causas e até se mobilizar em prol de alguma organização, participando de ações e protestos *on-line e off-line* (VEGH, 2003, p.73 apud RIGITANO, 2003, p.3).

Rubim (2000), explica que a telerrealidade aparece como nova formatação da realidade, possibilitada agora por espaços e tempos integrados em rede eletrônica e associada às noções de desterritorialização, globalidade, distância, espaço planetário, desmaterialização, não presencialidade, (tele) vivência e tempo real.

Tudo isso é muito recente e os seus desdobramentos e consequências sociais, econômicas e políticas vão depender da maneira como os indivíduos, atores em rede, e-leitores, cidadãos, consumidores farão uso das novas redes sociais colaborativas. Tal



condição – evidentemente –apresenta novos desafios e exige novos sistemas de resposta que possa trazer elementos para enfrentarmos as complexidades do contexto sócio-político, cultural e técnico-comunicacional contemporâneo. Aqui, neste texto, por meio de uma contextualização histórica, buscamos indicar alguns destes elementos, que – no fim das contas – podem esclarecer acerca das relações entre os movimentos sociais, o ciberativismo, a democratização da informação e as redes sociais.

## REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MALUF, Sônia Weidner. **O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia.** *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 19, n° 3, set./dez. 2011. Disponível em:<<http://migre.me/eegkH>>. Acesso em: 12 de abril 2013.

ALEXANDRE, Jeffrey C. **Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais.** *Rev. bras. Ci. Soc.* v. 13 n. 37. São Paulo, Jun. 1998. Disponível em <<http://migre.me/eeqLZ>> Acesso em: 02 de abril de 2013

ANTOUN, Henrique (Org.). **WEB 2.0 – Participação e Vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro, Mauad, 2008.

AZEVEDO, Daviane Aparecida de. **Movimentos sociais, sociedade civil e transformação social no Brasil.** *Revista multidisciplinar da Uniesp, São Paulo, saber acadêmico*, n ° 09 Jun/2010. Disponível em:<<http://migre.me/eeiCN>>. Acesso em 16 de abril de 2013.

CARDOSO, Ruth Côrrea Leite. **A trajetória dos movimentos sociais.** In: **DAGNINO, Evelina (org.). Os Anos 90: Política e sociedade no Brasil.** Editora Brasiliense. p. 81-90. Disponível em: <<http://migre.me/eeIX2> >. Acesso em: 13 de abril de 2013.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade: Redes sociais, comunidades pessoas, inteligência coletiva.** In: Antoun, Henrique (org.). *Participação e vigilância da era da comunicação distribuída.* Rio de Janeiro: Mauad x, 2008. P. 29 – 49.

COSTA, Sérgio. **Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 12, n. 35, Feb1997. Disponível em:<<http://migre.me/eejK8>>. Acesso em: 18 de abril 2013..



DEERE, Carmen Diana. **Os direitos da mulher a terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira.** Rev. Estud. Fem. v.12 n.1. Florianópolis, jan./abr.2004. Disponível em <<http://migre.me/eeqsW>> acesso em: 03 de março de 2013

DINIZ, Iara Gabriela Faleiro; CALEIRO, Maurício. **Web 2.0 e ciberativismo: O poder das redes na difusão de movimentos sociais.** Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da UFMA, São Luís - MA, Janeiro/Junho de 2011 - Ano XIX - Nº 8. Disponível em: <<http://migre.me/eelOL>> Acesso em: 09 de Abril de 2013.

RIGITANO, Maria eugenia Cavalcante. **Redes e ciberativismo : Notas para uma análise do centro de mídia independente.** In: I seminário interno do grupo de pesquisa em cibercidades, FACOM-UFBA. Outubro de 2003. Disponível em <<http://migre.me/eev1Y>> acesso em 05 de março de 2013.

SANTOS, Jordana de Souza. **O papel dos movimentos socioculturais nos ‘anos de chumbo’.** Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura, São Paulo, Vol. 1, nº 6, Ano VI, Dez/2009. Disponível em<<http://migre.me/eehzN>>. Acesso em 10 de abril de 2013.

SIQUEIRA, Carlos Eduardo; CASTRO, Hermano; ARAÚJO, Tânia maria de. **A Globalização dos movimentos sociais: resposta social à globalização corporativa neoliberal.** Ciênc. saúde coletiva vol.8 no. 4. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://migre.me/eeklL>> Acesso em: 16 de abril de 2013.

SANTAELLA, L. **a ecologia pluralista da comunicação. Conectividade, mobilidade, ubiquidade.** São Paulo: Paulus, 2010;\_\_\_ **linguagens líquidas na era da mobilidade.** Paulus, 2007.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital.** São Paulo: Publifolha, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999; \_\_\_\_ **O que é virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

CASTELLS, Manoel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Oxford, 2001.